



“Presença Ausente”: as Cartas como Primeiros Registros Comunicacionais da Experiência Migratória¹

Wellington Teixeira LISBOA²
Universidade Católica de Santos, Santos, SP

RESUMO

O presente estudo integra uma investigação de doutorado em desenvolvimento focada na análise dos fluxos comunicacionais mantidos, atualmente, na experiência migratória, mais precisamente entre migrantes internacionais e seus familiares e amigos que permanecem em seu país de nascimento. Como pano de fundo para este estudo, reconstruímos a história dos vínculos comunicativos entre esses sujeitos, detendo-nos aos contextos contemporâneos demarcados pelas novas tecnologias de informação e comunicação e pelas interações virtuais. Entretanto, faz-se necessário compreender como se efetivaram esses laços até pouco antes da virada deste milênio, numa longa história secular cujas possibilidades de comunicação dependiam, quase que exclusivamente, do envio e recepção de correspondências.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas. Comunicação. Imigração.

Narrativas do Cotidiano, da Memória e da Saudade

As cartas, relatos autobiográficos e histórias de vida como fonte de conhecimento da experiência migratória foram, numa iniciativa pioneira, estudados por William I. Thomas e Florian W. Znaniecki³ (1984), que se debruçaram sobre as narrativas epistolares de camponeses poloneses que emigraram para os Estados Unidos e Alemanha no fim do século dezanove⁴. A análise de biografias e documentos pessoais, como diários e cartas, possibilitaram aos autores uma interpretação exaustiva das transformações dos hábitos e costumes, orientações morais, subjetividade, estilos de

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Doutorando em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Ciências da Comunicação Pela Universidade de Coimbra. Docente e pesquisador na Universidade Católica de Santos, email wtlisboa@yahoo.com.br

³ A obra intitulada *The Polish Peasant in Europe and America* foi publicada, originalmente em cinco volumes, entre 1918 e 1920 e reeditada em 1927, em dois volumes, que foram reimpressos em 1958 e 1974. Foi relançada em 1984, quando teve edição esgotada. Essa pesquisa, desenvolvida junto ao Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, consistiu na recolha e tradução de centenas de cartas redigidas por poloneses emigrados nos EUA e Alemanha e pelas suas famílias residentes na Polônia. Essa metodologia, que objetivava identificar as relações entre os sujeitos e seus ambientes de interação, inaugurou um novo formato às investigações sociológicas, focadas na interpretação dos relatos próprios das pessoas quanto às suas experiências vividas, no quadro do seu tempo histórico específico, operando uma linguagem ordinária da vida cotidiana para explicar os aspectos individuais da ação social.

⁴ Entre 1880 e 1910, cerca de dois milhões de poloneses se fixaram nos Estados Unidos, gerando evidente preocupação por parte do poder público daquele país e instigando o desenvolvimento de investigações na esfera acadêmica, como contextualizaremos adiante (THOMAS; ZNANIECKI, 1984).



vida e representações sociais dos imigrantes camponeses que deixaram suas aldeias para viverem nas cidades americanas e européias que se modernizavam, num ritmo pautado pela industrialização e urbanização ascendente.

As cartas foram os recursos comunicativos mobilizados para evidenciar, entre múltiplos aspectos, as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes em viver em outra sociedade, inclusive em outro continente, longe de seus familiares, amigos e demais grupos com quem mantinham relações de sociabilidade em seus locais de origem. Como relata Auvert (2008, p. 22), “[...] jovens agricultores, camponeses, desempregados e imigrantes escrevem para dar a conhecer as suas condições de existência”. Desde questões estruturais cotidianas, como as concernentes à moradia, alimentação, trabalho, aquisição de bens materiais e possibilidades de consumo, nem sempre correspondentes aos planos outrora idealizados quando da constituição do projeto de migração, até os sentimentos mais íntimos e pessoais, vinculados à saudade, nostalgia, fascínio e medo frente ao novo, aos amores e afetos, desabafos e confidências, os enredos das cartas de imigrantes carregam um universo profuso de simbologias que, com efeito, auxiliaram na compreensão da abrangência e complexidade do fenômeno migratório, motivando investigações, sobretudo, nos campos das Ciências Humanas e Sociais.

Referindo-se à utilização de fontes etnográficas de pesquisa sobre os fluxos migratórios, como diários, registros sonoros, cartas e fotografias, Federico Croci (2008), assim como Giralda Seyferth (2005), sublinha que Thomas e Znaniecki desenvolveram perspectivas de análise mais especializadas sobre esse fenômeno que se avolumava já nos fins do século dezenove. Em suas investigações, cujo foco metodológico centrou-se na apreciação qualitativa de correspondências escritas por migrantes e seus familiares, elucidaram quer as dinâmicas subjetivas que governam a vida cotidiana dos imigrantes e suas negociações identitárias, quer as redes de relações, formais ou não, estabelecidas entre locais de partida e de chegada. De acordo com Croci (2008), a carta reúne um potencial evocativo e de fascínio de apelo excepcional, pelo fato de ser um documento privado e pessoal que permite ao investigador transportar-se para o cerne da experiência migratória, para o seu núcleo discursivo (FOUCAULT, 1996), lugar privilegiado desde onde se podem observar aspectos históricos da trajetória da migração até a virada deste último milênio, considerando suas nuances políticas, econômicas, sociais, culturais, sob o ponto de vista dos protagonistas. A carga simbólica da correspondência privada deve-se exatamente a essa “[...] contaminação entre vida íntima e cotidiana e a marca direta da História, a passagem do tempo na subjetividade [...]” (CROCI, 2008, p. 15), que



produz sinais indelévels cujo acesso contribui para a melhor compreensão dos tipos, etapas e processos do fenômeno migratório.

Assim, os estudos de Thomas e Znaniecki (1984) introduziram os registros escritos como instrumentos historiográficos de pesquisa que possibilitaram adentrar na trama social da migração internacional, capturando testemunhos e provas da necessidade de comunicação a distância ou mesmo da tentativa de abolir, tanto quanto possível, o sentimento da separação física dos migrantes e seus familiares. Como observado por esses sociólogos, as cartas, não obstante as questões temporais e estruturais para seu envio e recepção, atuaram na manutenção de vínculos fortes com os conhecidos no país de nascimento, nutrindo uma relação de solidariedade do migrante na vida familiar e no âmbito comunal. A participação na organização da família, que não raramente assume formas de reprodução e legitimação de certos papéis e funções sociais anteriormente determinados (ASSIS, 2002; SEYFERTH, 2005), e a assistência financeira e emocional ofertada a seus entes indicam que a comunicação empreendida pelos migrantes assegura a continuidade dos laços, a vivência subjetiva e objetivada (SIMMEL, 1986) em dois espaços territoriais distintos, não obstante a ruptura física ocasionada pelo distanciamento geográfico.

Os deslocamentos territoriais e a alteração dos espaços nacionais onde se constrói a vida não são, portanto, suficientes para provocar o apagamento do “sentimento familiar” (THOMAS; ZNANIECKI, 1984), muito embora os autores reconheçam a mudança no caráter da manifestação desses vínculos, que se afrouxam no decurso do tempo, num processo consequente da interação diária, voluntária e compulsória, com os contextos e as instituições sociais do país onde se vive. Ainda assim, o envio regular de dinheiro e as sugestões quanto ao investimento do recurso financeiro, a tentativa de resolução de intrigas e conflitos, a aprovação ou reprovação de namoros, casamentos e de projetos individuais dos membros da família evidenciam, como no caso dos migrantes poloneses estudados por Thomas e Znaniecki (1984), o pertencimento a distância na dinâmica familiar de origem, que por muitas décadas só fora possível por contatos via correspondência postal ou mensagens orais transmitidas por intermediários.

Os resultados dessa investigação problematizaram, à partida, a hipótese central que conduzia os primeiros estudos sobre as migrações internacionais, no bojo da Sociologia norte-americana nascente, segundo os quais os migrantes oriundos do continente europeu e estabelecidos na América, fugidos de contextos de pobreza generalizada e em busca de melhores condições de sobrevivência, teriam perdido os laços de solidariedade



originários, tendo de ser progressivamente assimilados pela cultura do país para onde migraram (SASAKI; ASSIS, 2000; PEIXOTO, 2004). Identificada pelos investigadores da Escola de Chicago como um problema político e social responsável pelo aumento dos índices de criminalidade e delinquência, a imigração fora perspectivada sob o imperativo da adaptação, aculturação e assimilação dos migrantes na sociedade americana, com vistas à “correção” de sentimentos que, supostamente, excitariam a desordem e o desvio de conduta, como saudade, medo, desamparo, solidão, estranhamento cultural. Thomas e Znaniecki (1984) demonstraram que, mesmo geograficamente distantes, sem possibilidade de comunicação diária (ou mesmo mensal) com familiares, os imigrantes não se sentiam inteiramente sozinhos, já que se percebiam inseridos no mosaico de relações sociais fundamentais de sua comunidade de origem. Sublinhavam, contudo, que as políticas assimilacionistas faziam-se necessárias na medida em que esses vínculos, mediados pela troca de correspondências, também se enfraqueciam com o passar dos anos, embora não fosse certa a possibilidade de seu completo desaparecimento.

A pausa para a escrita e leitura de cartas representava o rito de suspensão provisória do tempo, momento de introspecção dedicado à negociação das memórias, subjetividade e projetos futuros daqueles que partiram para construir a vida longe de seus países de nascimento, compreendendo-se como sujeitos de dois lugares distintos, protagonistas de uma complexa narrativa biográfica, de dupla face, que se distendia entre o lá e o cá (ASSIS, 2002). Como observa Croci (2008, p. 15, grifo do autor), toda experiência migratória se concretiza com a partida, com a separação física, “[...] é a *distância* que produz a necessidade de comunicação e a comunicação a distância, naquela época – e pelo menos até a invenção e difusão do telefone – podia apenas ser escrita”. Tamanho era o drama psicológico que se materializava na experiência coletiva desses viajantes que, quando os navios carregados de migrantes estavam para partir, um ritual simbólico indicativo do valor atribuído ao pertencimento familiar e à necessidade de manutenção de vínculos comunicativos cruzava as margens do porto e as laterais tumultuadas dos navios: de um lado e de outro, via-se um fio de lã amarrado às pontas dos dedos dos que partiam e dos que permaneciam no cais, que o seguravam, firmemente, até o último momento, quando o rompimento do fio era inevitável. Não por acaso, muitos dos imigrantes já começavam a escrever em seus diários e a elaborar cartas para os familiares quando ainda estavam a bordo do navio (CROCI, 2008).



É a distância, tal como se percebe, que desencadeia a necessidade pulsante de estabelecer, no contexto migratório, contatos regulares com os grupos com os quais se partilha a sociabilidade parental, sobretudo como uma das formas operadas para evocar uma condição, por assim dizer, existencial para os migrantes. “Da inicial *distância* física, geográfica, afetiva, que já é dolorosamente percebida desde a partida, momento da gênese da condição migrante, até a *distância* que se alimenta da dilatação do espaço e do tempo” (CROCI, 2008, p. 30, grifo do autor). O fenômeno da massificação das migrações internacionais, facilitada pelo desenvolvimento dos transportes e pela expansão dos sistemas de comunicação no globo (PORTES, 1995; SAYAD, 1998; BLANCO, 2006), constituiu-se numa experiência histórica que ressignificou a noção de distâncias entre pessoas e os sentidos sociais referentes à ausência, o que certamente suscitou o pulular de um universo de sentimentos que desencadeou os esforços coletivos de aproximação humana, via meios e técnicas de comunicação disponíveis em cada época.

Distância Dilatada e a Negação do Isolamento

A escrita de cartas foi amplamente difundida pelo século dezenove e por todo o século vinte, ainda que se consubstanciasse como uma prática de notória dificuldade para grande parcela da população pouco letrada de diversos países de onde partiram contingentes significativos de migrantes. Como um esforço de democratização da escritura, a evolução dessa produção comunicativa no seio da experiência migratória promoveu a inserção de muitas pessoas no âmbito da cultura escrita, em face da necessidade de ler propagandas direcionadas à captação de migrantes, tíquetes de embarque nos navios, anúncios de emprego, boletins informativos de comunidades nacionais e étnicas e, com frequência, de estabelecer contatos com amigos e familiares. Chegou-se a registrar o aumento da taxa de alfabetização entre famílias envolvidas nas dinâmicas migratórias em países como Portugal, Espanha, Itália, onde despontava como estratégico o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita das correspondências que cruzavam os continentes europeu e americano, em especial no decurso do século vinte (SOUTELO VÁZQUEZ, 2001; 2006; BLAS, 2004; CROCI, 2008).

Por outro lado, não havendo familiaridade com o texto escrito, dispunham de outras táticas para enfrentar a necessidade e o desafio de enviar e receber correspondências, independentemente se burocráticas (cartas oficiais e de chamada) ou particulares:



quando não se sabia escrever ou era baixa a habilidade de escrita, apelava-se para que outra pessoa o fizesse⁵. A historiadora Maria Izilda Santos de Matos (2012), em apurada análise sobre as mensagens trocadas entre portugueses que emigraram para o Brasil, no período de 1890 a 1950, e seus familiares residentes em Portugal, identificou as figuras-chave do mestre-escola, pároco ou de um letrado da aldeia ou da pequena cidade que se responsabilizava pela escritura/leitura das correspondências, recebendo em troca um agrado simbólico ou mesmo o pagamento em espécie⁶. Não por acaso, formou-se em Portugal uma comunidade de escreventes/leitores que atuaram, efetivamente, como coadjuvantes na história dos vínculos comunicativos cultivados na dinâmica transatlântica dos fluxos migratórios. Matos (2012) também esclarece que a demora no envio de notícias justificava-se, em certas ocasiões, pela dificuldade em encontrar alguém que se dispusesse a escrever, merecendo menção aos esforços das mulheres, entre as quais se verificava elevado grau de analfabetismo, reflexo das sociedades patriarcais e suas opressoras imposições históricas.

Ponto crucial a destacar diz respeito ao tempo despendido para envio e recepção de cartas, que, até um passado recente, não era inferior a alguns meses, o que permitiu a regularidade das práticas comunicativas por troca de correspondência (quando não havia extravio), mas não a agilidade requerida para o estabelecimento de interações pessoais cotidianas ou, ainda, contatos mensais, já que por período considerável da História as travessias oceânicas dependeram de longas viagens de navio. Embora se questione a possibilidade de ruptura completa dos laços dos migrantes com os seus familiares e amigos na sua terra natal, proposição contestada já pelas investigações pioneiras de Thomas e Znaniecki (1984), é certo que o tempo necessário para estabelecer contatos, até o desenvolvimento dos transportes aéreos, da telefonia fixa e móvel e, recentemente, da *internet*, pode ser perspectivado como uma das variáveis que demarcam diferenças singulares na experiência subjetiva e social das migrações internacionais passadas das contemporâneas.

Se, desde as últimas décadas dos anos 1900, com a expansão dos dispositivos tecnológicos de comunicação, a exemplo da telefonia, pode-se recorrer à maior

⁵ A composição das cartas segue um protocolo estabelecido e difundido pelos manuais epistolares, que disseminavam os dispositivos que regulavam as práticas que passaram a ser reconhecidas e aprendidas. Instituiu-se uma estrutura, certa fórmula de uso continuado, caracterizada por elementos como: datação, tratamento, saudações, cumprimentos e abertura, desejos de saúde, despedidas, finalização, assinatura, envelope e identificação do destinatário, no caso das missivas analisadas as fortes marcas de religiosidade com bênçãos, graças e referências de proteção (graças a Deus, com as bênçãos de Deus, que Deus abençoe).

⁶ A Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, tem rico acervo das cartas trocadas entre imigrantes e seus familiares e amigos.



interatividade e à sincronia a distância nas relações humanas, como veremos em outras produções deste autor, tal dimensão de imediatismo na comunicação sequer poderia ser vislumbrada anteriormente, o que conferia a amplificação da noção de distâncias territoriais e simbólicas e a sensação de relativo isolamento dos migrantes em terras estrangeiras, com implicações diretas nas suas trajetórias de vida no país de migração. Em todo caso, é a necessidade de manutenção da “presença ausente” (MATELLART, 2007; ROSS, 2008) que sempre motivou, em ambos os pólos do projeto migratório, isto é, tanto por parte dos migrantes quanto pelos seus familiares, a apropriação dos meios e técnicas de comunicação existentes para viabilizar as relações de interação transnacional, mesmo que submetidas a estruturas pouco favoráveis, como no caso da dependência das viagens marítimas. Os vapores que cruzavam oceanos transportavam mercadorias, dinheiro, maquinários, alimentos, idealizações, desejos e imaginários, e a mala postal também ocupava seu espaço nas embarcações, carregando mensagens do mais variado teor, que comumente noticiavam episódios e cenas de vidas que transcorriam em pontos geográficos diferenciados.

As missivas traziam boas e más novas, comunicavam alegremente nascimentos e casamentos, também, doenças e mortes, enviavam declarações de amor e fidelidade, fotos de família, encaminhavam conselhos de velhos, pedidos de ajuda e de dinheiro, expediam cartas bancárias e de chamada. Pelos correios, múltiplas histórias escritas atravessavam o oceano buscando por notícias de filhos e pais, irmãos, maridos e esposas, noivos e noivas, estas correspondências encontrando-se plenamente marcadas por múltiplos sentimentos: saudades, esperanças, amor, ódio, rancor, sonhos e medos, ilusões e desilusões (MATOS, 2012, p. 123).

Samuel Baily e Franco Ramella (1988), em conhecido estudo sobre o envio e recepção de cartas entre migrantes italianos que viveram na Argentina e seus parentes que permaneceram na Itália, se debruçaram sobre cerca de vinte anos de troca de correspondências e de fotografias entre membros de uma única família, a família Sola, cujas memórias documentais evidenciavam um conjunto de experiências sociais comuns à trajetória da migração italiana em países latino-americanos. Os pesquisadores verificaram que esses registros epistolares funcionavam como fonte de atualização sobre os acontecimentos da vida diária e, também, como recurso estratégico que ativava a imaginação coletiva sobre terras distantes e as recordações dos momentos vividos entre aqueles que ficaram em seu país de nascimento e os que dele partiram.



Demonstraram que a memória social, tal como propôs o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), não se configura apenas como repositório de informações, imagens e enredos que permanece inalterado e inativo; ao contrário, a memória de grupo em torno do fenômeno migratório sofre processos de constante reelaboração, em especial porque as cartas tanto funcionavam como ícones para acionar e recriar antigas recordações familiares e de eventos históricos locais e nacionais quanto para prover o conteúdo mnemônico com novas referências, numa conexão simbólica vital entre um e outro lado do Atlântico. As lembranças pessoais, nessa linha de entendimento, são compreendidas como narrativas construídas a partir dos cenários que se encontram acessíveis no ato de lembrar, ou melhor, a prática evocativa ocorre com base no conjunto de representações que compõem a consciência coletiva atual, mesmo porque as pessoas costumam lembrar-se da sociedade e com o apoio dela.

Por mais nítida que pareça a lembrança de um acontecimento, as imagens recordadas não figuram do mesmo modo como foram apreendidas, porque na medida em que os sujeitos adquirem novas experiências individuais e grupais, alteram-se suas percepções, seus juízos de realidade e de valor (HALBWACHS, 1990; BOSI, 1994, 2003). A regularidade na troca de correspondências entre os migrantes e membros de suas famílias operava, pois, como exercício que assegurava a manutenção e resignificação da memória e do imaginário social sobre a experiência da migração internacional, vivida tanto pelos que partiram quanto pelos que permaneceram em seus países. De uma forma ou de outra, e ainda que em dimensões e temporalidades notoriamente distintas, esses meios de comunicação a que se recorre para a superação simbólica de distâncias e ausências permitem que volume incomensurável de sujeitos participe da trajetória das migrações, numa rede estruturada de relações, independentemente se há rompimento espacial de fronteiras geográficas nacionais entre todos os envolvidos.

Nessa perspectiva, como já bem sinalizara Sayad (1998), a história das migrações deve também ser compreendida com foco na história dos processos comunicacionais que são desencadeados em seu cerne, numa direta correlação, vital e estratégica, entre o desenvolvimento das técnicas, meios e sistemas de comunicação e seus variados usos sociais. As narrativas de sucesso em registros escritos ou orais e os retratos que causavam impressão de prosperidade e bem-estar, por exemplo, funcionaram como elementos cruciais que impulsionaram, em rede, a retroalimentação da dinâmica das migrações internacionais (CROCI, 2008; SOUTELO VÁZQUEZ, 2006; BARBOSA,



2009; MATOS, 2012). Como vetor de informação e comunicação dotado de alto poder para acionar, por imagens, a memória e a imaginação de grupos, a fotografia se constituiu num dos principais meios através do qual os imigrantes atestavam, em sua terra natal, que gozavam de boa saúde e que viviam em condições materiais satisfatórias no país de migração. Fragmentos do tempo e do espaço, indícios do real, como pontua Susan Sontag (1983) em seus escritos sobre a fotografia como elemento de construção social de padrões de realidade, essas auto-representações apoloéticas da experiência migratória, em geral revestidas de matizes caracteristicamente positivos, compunham a engrenagem prática correspondente à tentativa de suprir ausências e nutrir a sociabilidade familiar no país de origem, como se se tratasse de um esforço coletivo de transgressão, tanto quanto possível, da certeza do distanciamento físico.

Era através de fotografias que os imigrantes apresentavam as futuras esposas e filhos que nasciam aos pais e avós que ficaram, que davam “provas” de sucesso e de aquisição de um novo *status* social. Também informavam o quanto a vida havia se modificado, apontando transformações e revelando caras e modos adquiridos no novo país. Vale destacar que era durante esse processo que o grupo se construía e simultaneamente projetava sua auto-imagem (PEREIRA, 2008, p. 215-216).

As fotografias, cartões-postais, cartas, gravações em fita cassete e em vídeo representaram, pois, o mote para a configuração de redes que favoreceram as saídas e chegadas de imigrantes ao longo de todo o século vinte, transportando informações acerca da possibilidade de encontrar trabalho, moradia e sobre os gastos mensais com a sobrevivência, bem como acerca da transposição de fronteiras e das dinâmicas e dificuldades de interação sociocultural nos contextos do país de destino. Do mesmo modo, portavam esclarecimentos quanto às formas de driblar e conviver com as restrições instituídas por políticas de imigração e quanto aos meios de comunicação e de lazer disponíveis para se enfrentar a distância e as agruras do cotidiano (SAYAD, 1998; MATOS, 2012). Assim, o desenvolvimento de sistemas de comunicação entre os migrantes e seus locais de origem tanto orientou quanto orienta e sustenta o processo migratório, possibilitando a manutenção constante de um imaginário coletivo em torno desse fenômeno social.

Conforme sublinhado por Gláucia de Oliveira Assis (2002), em pesquisa sobre os migrantes valadarenses nos Estados Unidos, as cartas e outros elementos de comunicação permitiram o entendimento sobre os elos existentes entre os migrantes e seus familiares, elucidando as estratégias adotadas para permanecerem em território



estrangeiro e se manterem ligados ao país de nascimento. Ao escreverem, os imigrantes preservam a sua língua de origem, revisitam a memória e reelaboram a sua identidade pessoal e social, sempre em transformação (GIDDENS, 1991; GARCÍA CANCLINI, 1996; HALL, 2003), negociando sentimentos alusivos à saudade, nostalgia, conquistas individuais, pertencimento nacional (ANDERSON, 2008) e estranhamento cultural. Esse movimento reflexivo, entrecortado por um vai-e-vem na subjetividade, é dotado de tal amplitude que dele se extraem mecanismos que possibilitam suportar o projeto de migração anteriormente traçado e “aguentar a barra” (ASSIS, 2002, p. 55), sobretudo lidando com a saudade e dando continuidade às expectativas individuais e às ações concretas do cotidiano em outro país.

A palavra saudade, aliás, aparece em todas as narrativas das cartas estudadas por esta pesquisadora, escritas tanto por homens como por mulheres imigrantes oriundos de Governador Valadares, Minas Gerais, que exteriorizaram esse sentimento, como um lamento permanente, por todas as linhas de seus registros mnemônicos. Unindo pessoas e lugares por meio desse instrumento de comunicação que se desloca entre grandes distâncias internacionais e intercontinentais, ainda que numa velocidade pouco atrativa à manutenção de contatos rápidos e à tentativa de suprimir ausências, as cartas eram endereçadas, na sua maioria, às mães, figura que centraliza as relações familiares e indica distintas funções de gênero na migração, “[...] pois se as mulheres circulam a informação, são os homens que administram os dólares e outras decisões [...]” (ASSIS, 2002, p. 78).

Às mães, inclusive, dirigiam-se pedidos de oração, de “colo” e de ida, por tempo determinado, ao país onde viviam os seus filhos ou filhas, numa manifesta tentativa de acalantar o sufoco de conviver com a experiência da distância em relação aos membros da família. Com olhar assertivo, Assis (2002) identificou os vocábulos recorrentes nas cartas cujo teor encontrava-se nitidamente vinculado à saudade e ao universo da afetividade partilhado no país de origem: família, Deus, esposa, amigos, Brasil, aniversários, expectativa de reencontro. Essas e outras palavras acompanhavam vestígios de sentimentos diretamente ligados à depressão, baixo astral, tristeza, sensação de impotência quanto à separação física, sofrimento e amor.

Esse estudo também revelou que a própria decisão de migrar e a construção do projeto migratório tem, na sua base, a participação dos familiares e amigos, com as recomendações e incentivo que colaboram na sustentação do ideal de “fazer a América”, como demonstrado pelos valadarenses (ASSIS, 2002), ou “passar uma



chuva” na Europa, como manifestado por brasileiros em Portugal (VITÓRIO, 2007). Sob o ponto de vista microssociológico, percebe-se que o envolvimento direto nas redes de parentesco e de demais pessoas com as quais se mantêm vínculos próximos no país de origem corrobora a proposição segundo a qual não são apenas cálculos racionais, demandados por variáveis macroeconômicas estruturais, que impelem os sujeitos à trajetória da migração, como uma das únicas opções de sobrevivência, bem a gosto das perspectivas neoclássicas das migrações internacionais (SJAASTAD, 1962; TODARO, 1969; SINGER, 1973).

As cartas, fotografias, cartões-postais e outros registros da memória, como fitas cassete e fitas de vídeo, posicionaram os migrantes como sujeitos ativos, agentes sociais históricos do processo migratório, que tem poder de decisão sobre as experiências de migrar, permanecer, migrar novamente ou retornar ao seu país de nascimento. Ao narrarem os percursos e percalços enfrentados, situam-se como protagonistas da trajetória, memórias vivas que articulam, com apoio de familiares, amigos e demais redes de contato, um amplo conjunto de razões objetivas e subjetivas (SAYAD, 1998; HALL, 2003) fundamentais à continuidade, ou não, de suas experiências como sujeitos migrantes, sem perder de vista, evidentemente, os contextos estruturais que operam nessa dinâmica que envolve múltiplos fatores.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSIS, G. de O. **Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun.2002.
- AUVERT, A. J. Le sociologue et les archives des enquêtés. **Sociologie et Sociétés**, 40 (2), p. 15-34, 2008.
- BAILY, S.; RAMELLA, F. **One family two worlds**. An Italian family's correspondence across the Atlantic, 1901-1922. New Brunswick, Londres: Rutgers University Press, 1988.
- BARBOSA, M. F. Memória e imagens nacionais em cartas de imigrantes alemães em Santa Catarina. **Revista Literatura em Debate**, v. 4, n. 5, p. 47-54, jul.-dez., 2009.
- BLANCO, C. **Migraciones**: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento. Barcelona: Anthropos, 2006.
- BLAS, V. S. “Puentes de papel”: apuntes sobre las escrituras de la emigración. **Horizonte antropológico**, vol.10, no.22, Porto Alegre, Jun./Dez., 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 10 de jan. 2013.



BOSI, E. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CROCI, F. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus: Revista de História**. Juiz de Fora, v. 14 n. 2. jul. – dez. 2008.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de La modernidad**. Mexico: Grijalbo, 1996.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

MATOS, M. I. S. de. Mobilidades e escritos: mensagens trocadas (São Paulo – Portugal 1890-1950). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 56, p. 113-136, jan./jun. 2012, Editora UFPR.

MATTELART, T. (ed.). TIC et diásporas. **Tic&societe**, 3(1_2), 2007. Disponível em: <http://ticetsociete.revues.org>. Acesso em: 16 Mar. 2013.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro sociológicas**. Universidade Técnica de Lisboa, SOCIUS working papers. Lisboa, p. 92/123, 2004.

PEREIRA, S. M. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memória de mulheres**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2008.

PORTES, A. (org.). **The Economic Sociology of Immigration**. Nova Iorque: Russell Sage, 1995.

RIAL, C. **Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém...Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, julio-diciembre, vol. LXI, n.o 2, p. 163-190, 2006.

ROS, A. Interconnected immigrants in the Information Society. In: ALONSO, A.; OIARZABAL, P. **Digital Diasporas**. EUA: University of Arizona Press (2008). Disponível em: http://fr.ticmigrations.fr/wp-content/uploads/2011/10/InterconnectedImmi_chapter.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. de O. Teorias das Migrações Internacionais. In: **XII ENCONTRO NACIONAL DA ABEP**, 2000.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP: 1998.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUTELO VÁZQUEZ, R. **De América para a casa: correspondência familiar de emigrantes galegos no Brasil, Venezuela e Uruguay (1916-1969)**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2001.



_____. R. Proyectos migratorios, itinerarios laborales y redes microsociales de los emigrantes en su correspondencia familiar: dos gallegos en Buenos Aires, 1950-1966. **Migraciones & Exilios**, 7, 2006, p. 115-135.

SEYFERTH, G. Cartas e narrativas biográficas no estudo da migração. In: DEMARTINI, Z.; TRUZZI, O. **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Paulo: EDUFSCar, 2005.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estado. 1973. In: MOURA, H. A. (org.) **Migração interna**, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 211-244.

SJAASTAD, L. A. The Costs and Returns of Human Migration. **The Journal of Political Economy**, v. 70, n. 5, Part 2: Investment in Human Beings, out/1962, p. 80-93.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1983.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. **The Polish Peasant in Europe and America**, 1918–1920. IL: University of Illinois Press, 1984.

TODARO, M. P. A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países Subdesenvolvidos (1969). In: MOURA, H. A. (org.). **Migração interna**: textos selecionados, Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p.145-172, 722p.

VITÓRIO, B. da S. **Imigração brasileira em Portugal** : identidade e perspectivas. Santos : Leopoldianum, 2007.